

LUZIA IZETE DA SILVA

# CATARATAS, HOMENS E DEUSES



ILUSTRAÇÕES:  
JÉSSICA FIORINI ROMERO

ABC  
*projetos culturais*



# CATARATAS, HOMENS E DEUSES

produção

realização



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



Projeto aprovado pela Secretaria de Estado da Cultura – Governo do Paraná, com recursos da Lei Paulo Gustavo, Ministério da Cultura – Governo Federal.

## FICHA TÉCNICA

**Autora**  
Luzia Izete da Silva

**Curadoria visual**  
Dyego Marçal

**Ilustração**  
Jéssica Fiorini Romero

**Revisão**  
Luiz Fernando Cheres

**Coordenação editorial**  
Alessandra Pirroncello Bucholdz/  
ABC Projetos Culturais

**Assistentes**  
Márcia Rodrigues  
Thaís Cunningham Gomes

**Editoração**  
ABC Projetos Culturais

**Supervisão editorial**  
Conceito Gestão Cultural

**Coordenação de produção**  
Eliana Cristina Perrinchelli/  
Dali Projetos Criativos

**Audiodescrição**  
Jefferson Cesar de Oliveira

**Coordenação gráfica**  
Luiz Maurício Bucholdz/  
Arte Telúrica

**Locução**  
Ana Cláudia Gambassi

**Curadoria textual**  
Luísa Cristina dos Santos Fontes

**Estúdio**  
Piralinda

Esta obra foi produzida para integrar o acervo da Biblioteca Galha Azul. Os direitos autorais do texto publicado na obra pertencem à sua autora, que detém a responsabilidade sobre o seu conteúdo e criação.

S586  
Silva, Luzia Izete da  
Cataratas, homens e deuses [livro eletrônico] / Luzia Izete da Silva ;  
ilustrado por Jéssica Fiorini Romero. Ponta Grossa: ABC Projetos  
Culturais, 2025. Coleção Biblioteca Galha Azul.  
32p.; E-book PDF  
  
ISBN: 978-85-66488-29-6  
  
1. Literatura infantojuvenil. 2. Paraná. 3. Lendas. 4. Kaingang. 5.  
Cataratas do Iguaçu. I. Romero, Jéssica Fiorini (ilust.). II. T. III.  
Coleção Biblioteca Galha Azul.  
  
CDD : 028.5

avalie o projeto:



Ficha catalográfica elaborada por Maria Luzia F. Bertholino dos Santos- CRB9/986

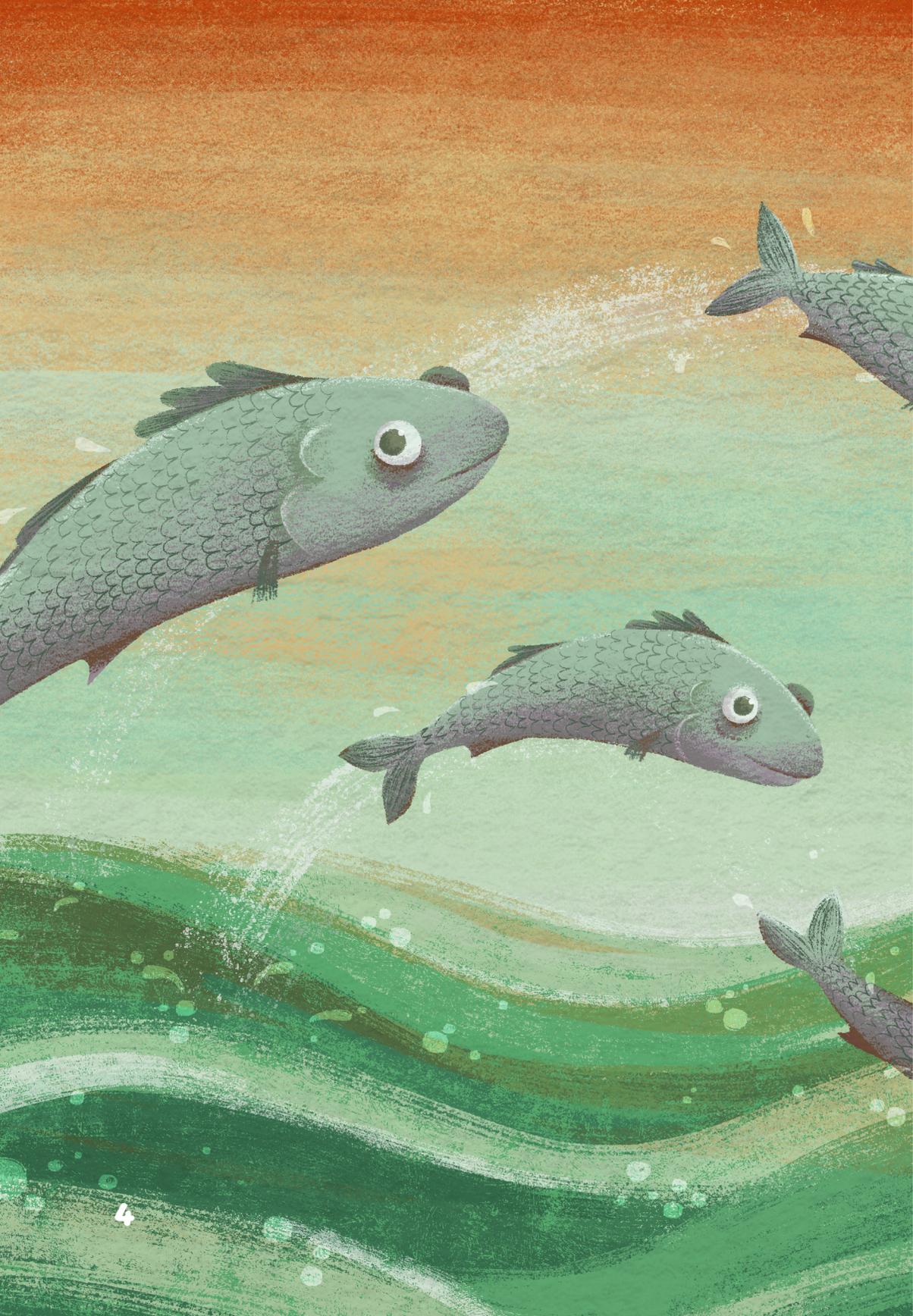
LUZIA IZETE DA SILVA

# CATARATAS, HOMENS E DEUSES

**ILUSTRAÇÕES:**  
JÉSSICA FIORINI ROMERO

1ª edição, 2025  
Ponta Grossa

**ABC**  
projetos culturais



Quando Tupã criou os homens, não imaginava as consequências de tão grandioso ato. As criaturas eram curiosas e ativas, percorrendo todos os recantos possíveis à procura de coisas, mas nem elas mesmas sabiam o que estavam procurando.

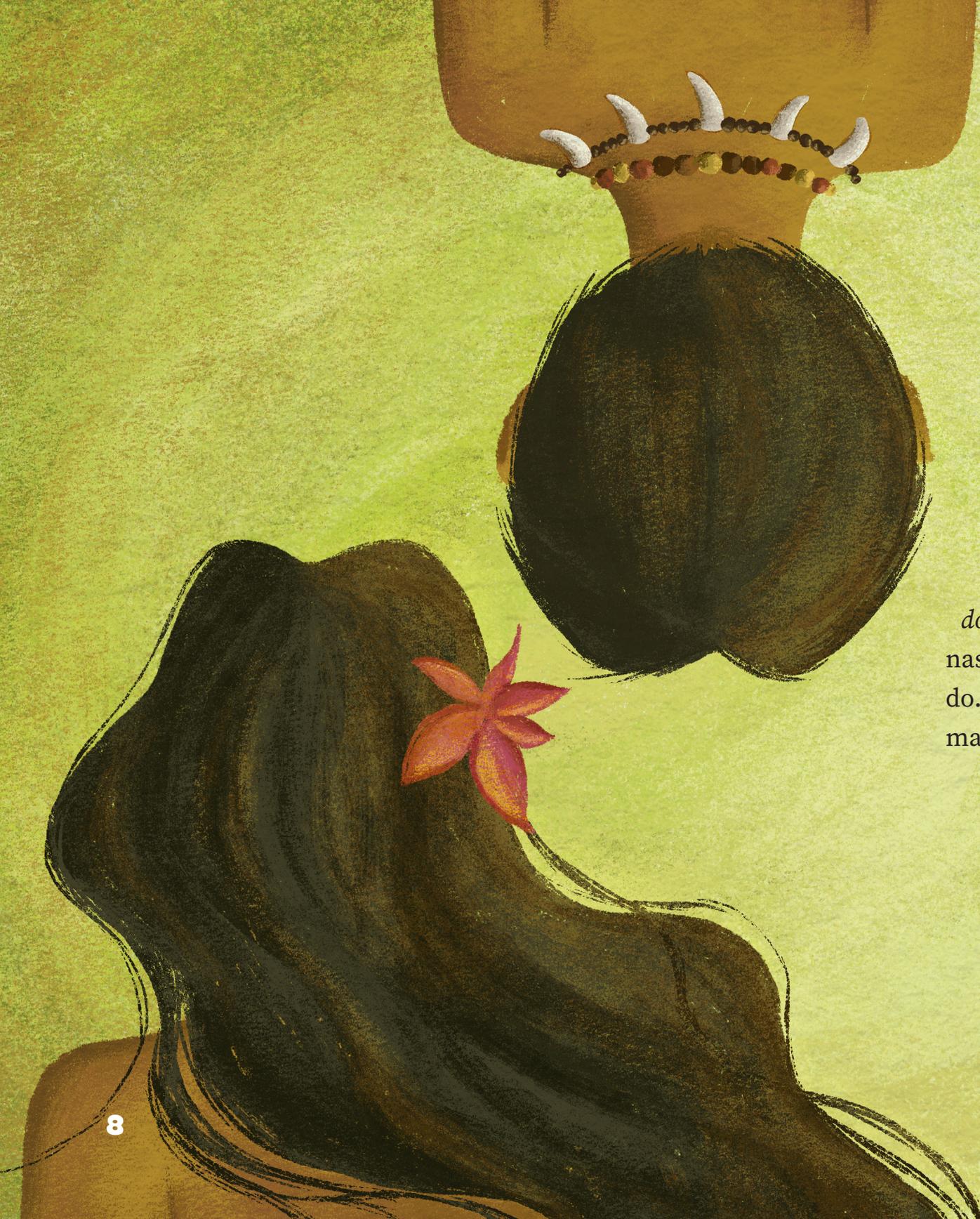
Tupã observava-as, feliz, vendo suas criaturas perfeitas em estado de paraíso. Ouvia-as em seus poucos lamentos e fartos agradecimentos cotidianos, ria-se vendo a fragilidade e a coragem instintiva delas. Tupã deu a elas a sabedoria para observar as coisas ao seu redor e, com isso, passaram a criar necessidades novas. Foi assim que as criaturas inventaram a farinha, espremendo o caldo de tubérculos encontrados na terra.

De cascas de árvores faziam canoas, e navegavam mansamente entre igarapés estreitos e calmos, por vezes caindo em corredeiras de rios sinuosos como o ras-tejar sorrateiro das serpentes, indo de um lugar para outro, seguindo as farturas de peixes, colhendo frutos diversos por toda parte, em diferentes fases do tempo.

Era assim a vida das criaturas, de modo que era impossível aos homens reclamar dos deuses por falta de coisas tão vitais como a água e a comida. Por sua vez, Tupã não estava sozinho, outros deuses o auxiliavam na observância das criaturas terrenas. Neste lugar, onde tudo eram árvores, águas e animais, num clima sempre fresco e constante, as criaturas descobriram os segredos das ervas, das folhas, dos cipós e das gorduras dos animais. A partir de então, muitos dos seus males foram curados na fervura fumegante de caldos, de sumos frescos colhidos nas matas, de amargos e doces sabores.

Por eras infindáveis, deuses e criaturas estiveram em harmonia. Assim, deuses e mortais fizeram alianças diversas, e o objetivo, por parte dos mortais, era agradar para receber proteção. Essa reciprocidade satisfazia a soberania divina dos deuses e abrandava as necessidades dos homens.



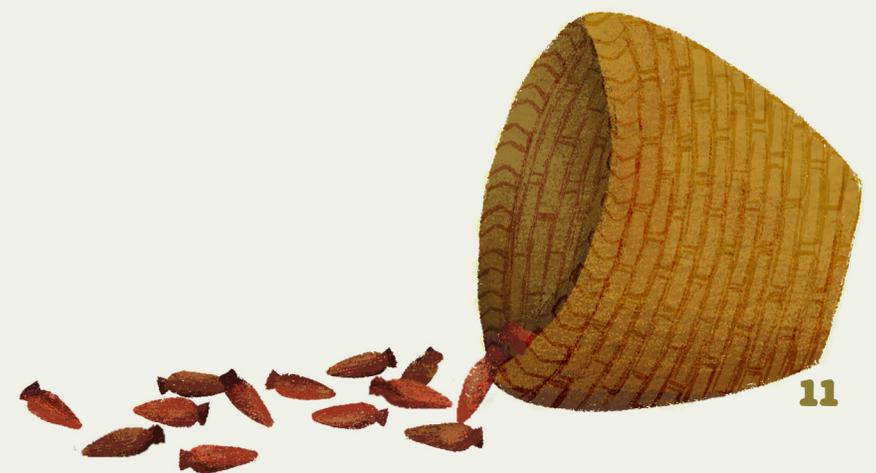


Os humanos deram nomes a todas as coisas que viam e às que não viam também. Tão afeiçoados estavam uns aos outros, passaram a dar nomes aos seus descendentes. Entre os Kaingang, ou *povo do mato*, que viviam às margens do Rio Iguaçu, um dia nasceu Tarobá, vindo a ser um jovem forte e destemido. Poucos sóis depois, nasceu Naipi, que se tornou a mais bela jovem da aldeia.



Num meio-dia pleno de sol, Naipi andava pela mata a catar pinhão, quando se deparou com dois olhos atentos em seus gestos. Num grito, soltou o cesto, espalhando as sementes. Voltou para casa preocupada — talvez fosse Anhangá a assustá-la por pura maldade.

A graça e a beleza de Naipi haviam atraído a atenção do deus M'boi. Imóvel na mata enquanto se aquecia, filtrando a quentura do sol num amontoado de grimpas secas, sentiu a aproximação da jovem, cuja figura o encantou.



Tomado de amor e ciente de seu poder, M'boi convenceu os pais da bela jovem a darem-na em casamento a ele. No entanto, Naipi não desejava unir-se àquele ser temeroso; além disso, o jovem Tarobá ocupava seu pensamento. Por seu lado, Tarobá também desejava Naipi. Ambos tomaram ciência das pretensões de M'boi e as possíveis consequências da quebra de um compromisso. Sem poder contrariar frontalmente o acordo entre os pais de Naipi e o deus serpente, o jovem casal teve uma ideia: enganar M'boi, fugindo para além das

A small wooden boat with two people rowing on a green river. The water is depicted with various shades of green and white, suggesting movement and depth. The boat is positioned in the upper right quadrant of the page, moving towards the left. The overall style is artistic and textured, with visible brushstrokes and a rich, layered green palette.

águas do Rio Paraná. Para alcançar seu intento, Tarobá providenciou um pequeno barco, onde cabiam apenas os dois e seus sonhos humanos de viverem conforme suas vontades.



No entanto, a astúcia e a vigilância de M'boi levaram-no a descobrir a traição dos dois humanos. A fúria de M'boi era de mau agouro para ambos. Nada mais restava: Naipi e Tarobá seriam castigados. M'boi estava descontrolado, saiu rio abaixo a procurar os fugitivos, batendo-se violentamente pelo Rio Iguaçu. Sua fúria era tal que a força de sua cauda ricocheteava no ar grande quantidade de água, abrindo uma enorme fenda nas entranhas da terra, levando as águas a cair por ela em grande estrondo, traduzindo o imenso furor de um deus insultado.

M'boi mostrou-se implacável: virou o barco dos dois, que logo se viram separados e tragados pelas águas. Não satisfeito, M'boi transformou imediatamente Naipi em uma enorme rocha. Imóvel para todo o sempre, nada mais pôde fazer além de ecoar seu grito traduzido no estrondo das águas. Ninguém podia salvá-la de tamanho infortúnio. Não satisfeito, M'boi deu a Tarobá a forma de uma palmeira, cujas folhas longas e curvas poderiam apenas se abaixar para observar sua amada Naipi, nunca podendo tocá-la.





Tupã, atento, viu que os homens haviam tomado caminhos diferentes ao longo das eras e que as alianças entre eles estavam incertas; percebeu que os homens eram agora vulneráveis a sentimentos que os levavam a quebrar alianças firmadas desde tempos imemoriais; enfim, os homens não eram mais os mesmos... Tupã também observou o terrível castigo que M'boi impingiu aos jovens, chegando à conclusão que M'boi merecia ser aprisionado na fenda em que, enraivecido e cheio de vaidade ferida, abriu com sua enorme cauda. Assim, M'boi permaneceu ali por muitas eras, a vigiar o tormento dos jovens apaixonados e desobedientes, e refletir sobre seu próprio ato vingativo.



O Rio Iguaçu, fendido pela fúria de um deus, tornou-se único em beleza. Naipi e Tarobá tornaram-se imortais no eterno descer das águas rumo ao grande Rio Paraná.

Vendo o castigo que seus filhos receberam, os Kaingang ficaram extremamente tristes, e por muitos dias de Guaraci e muitas noites de Jaci, todos se lembraram do jovem casal e seus trágicos destinos. Ouviam de longe o constante barulho das águas como insistente e assombroso lamento. Nada podiam fazer. Pelos peabirus, os Kaingang caminhavam para longe do Rio Iguaçu, indo de oeste para leste à procura da Terra sem Males, onde encontrariam os deuses e tudo voltaria a ser harmonioso. Num dia dessas andanças, encontraram uma estranha figura: um ser distinto, cuja cor da pele se assemelhava aos últimos raios de Guaraci ao cair da tarde. Esse novo caminhante tinha o nome de Cabeza de Vaca, e andava sem aparente destino. Cabeza de Vaca foi recebido com oferendas como se fosse um deus. No entanto, o recém-chegado estava interessado em outras coisas como o metal amarelo e pedras reluzentes.

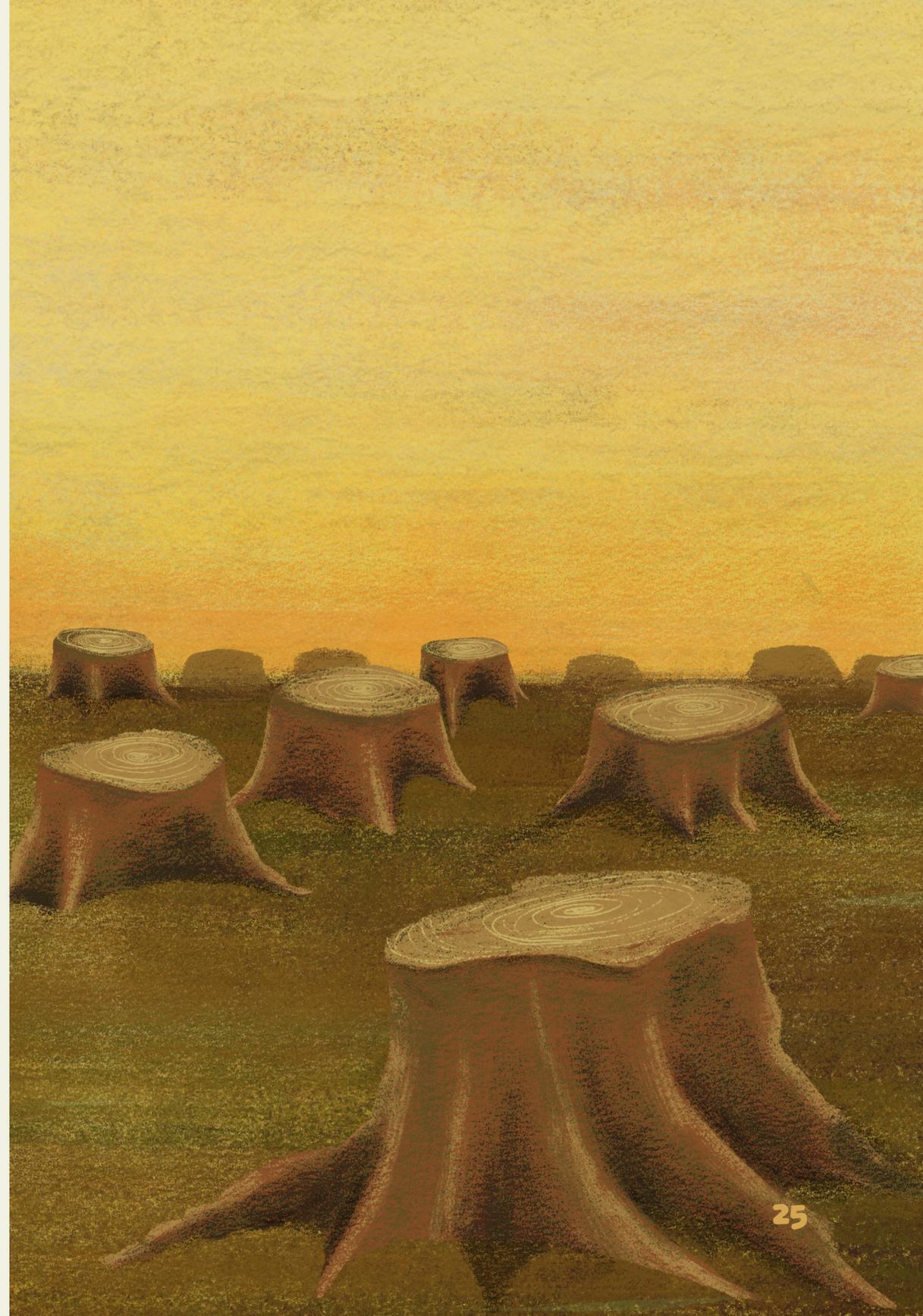


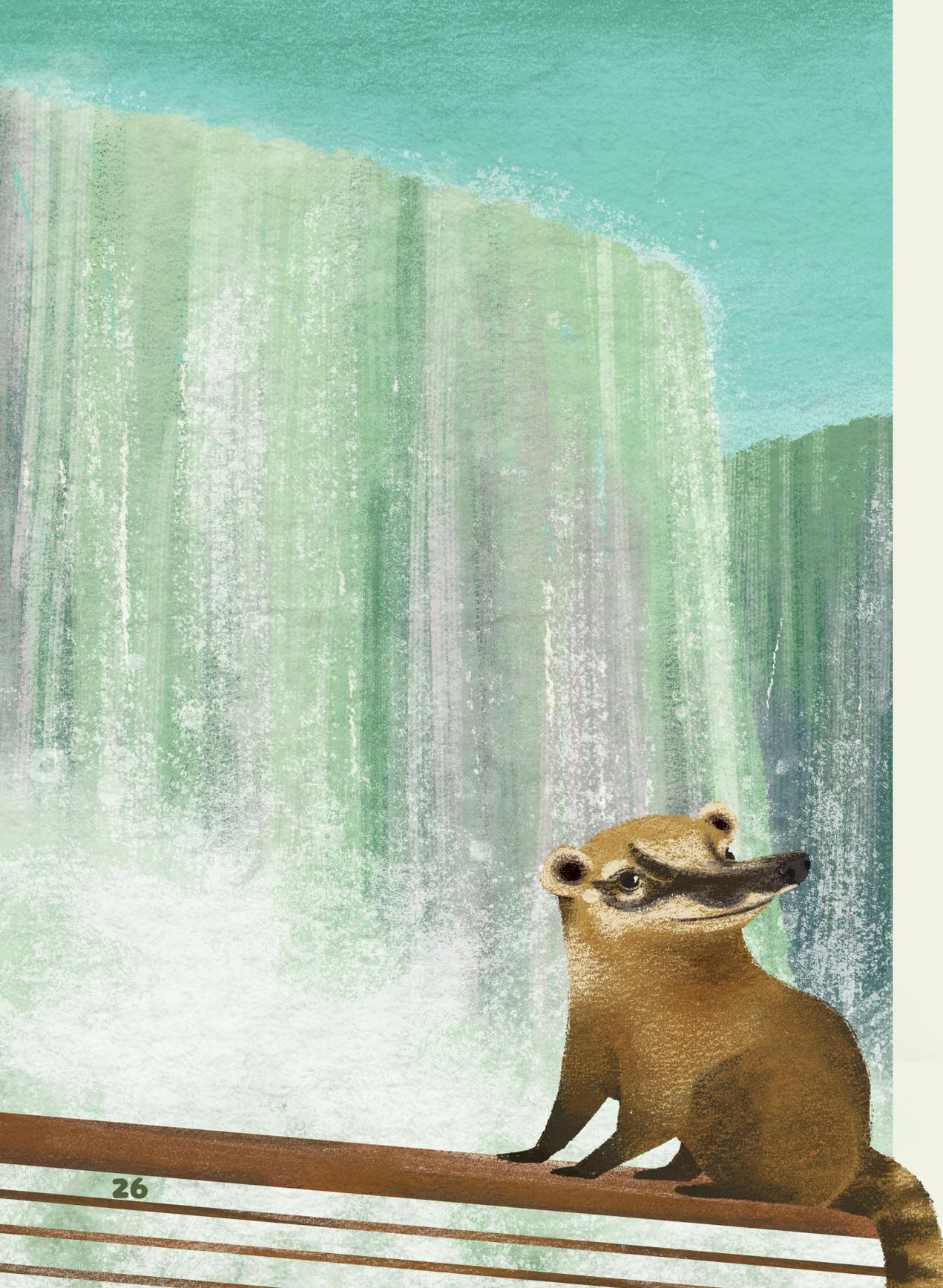
Depois de Cabeza de Vaca, vieram muitos outros, a provar para os indígenas que não se tratavam de deuses, mas apenas de homens maus; além de fios cortantes desconhecidos, eles trouxeram males invisíveis que acometiam mortalmente os povos nativos, não havendo apelo aos deuses capaz de afastá-los. E foram tantos estrangeiros vindos de distantes lugares até então desconhecidos, tantos males trazidos a reduzir bruscamente os indígenas, invertendo a ocupação de toda aquela paisagem antes conhecida como a palma das mãos. Cada um dos antigos peabirus foi caindo

no esquecimento, cobrindo-se de vegetação diante do avanço imperdoável dos homens desconhecidos, com os corpos cobertos, com os pés escondidos em carapaças, com armas cujos estampidos eram apavorantes e mortais. Suas estranhas doenças confundiam os indígenas, e muito grave tornou-se o contato entre ambos, levando a uma drástica diminuição dos nativos. Muitos foram os confrontos tingidos de sangue, morticínios e desagregação. Toda a região do imenso Iguaçu despovoou-se da presença dos nativos.

Os pais, parentes e amigos de Naipi e Tarobá haviam encontrado a Terra sem Males num tempo já esquecido. Os homens estrangeiros eram tantos como as folhas das árvores, ao passo que os indígenas se viam reduzidos e sem armas para enfrentar tão poderosos inimigos. Os estreitos e raros peabirus eram a saída para fugir mata adentro, em distâncias incontáveis de sóis.

Tupã via tudo com profunda tristeza. No mundo havia muitos deuses, e o oeste encantado dos Kaingang agora era território pequeno para abrigar apenas os nativos. Nada podia fazer, ele sabia. Via Naipi e Tarobá em seus eternos lamentos, a prisão incontestada de M'boi... Tupã refletia longamente, consultou outros deuses... Tupã refletia... Via sua criação sendo destruída, as imensas florestas derrubadas, caminhos largos foram abertos, ligando-se a muitos outros caminhos, abrigos sem fim eram construídos, sendo eles as casas dos homens estrangeiros, aqueles que trouxeram outros deuses e outras coisas nunca necessárias aos homens indígenas. Tupã observava as construções dos homens, seus costumes e sua proliferação por toda parte...





Tupã refletia... E decidiu aguçar os ouvidos dos homens e apurar-lhes os olhos para que pudessem ouvir e ver as águas colossais do Grande Iguaçu, a morada dos jovens rebeldes e do algoz deus serpente. O agito das cachoeiras do Iguaçu passou a atrair o olhar e a admiração de todos. Encantados com a beleza das águas, os homens deram-lhe o nome de Cataratas do Iguaçu, a água grande, aquela que ofusca a visão com sua cortina de espuma branca inconfundível.

Tudo foi feito para aproximar das Cataratas homens do mundo inteiro. Das passarelas construídas, os visitantes lançam elogios, extasiados. A emoção dos humanos ao ver e sentir as águas faz Tupã orgulhar-se de toda a sua criação. Naipi e Tarobá não estão mais sozinhos, os dois jovens Kaingang são o reflexo da beleza, do amor e da eternidade. As Cataratas do Iguaçu são o lugar onde natureza, homens e deuses se encontram. Tupã suspira num misto de melancolia e alento, ao ver criaturas de tantos lugares voltarem deslumbradas para suas casas após contemplarem o espetáculo das águas. Naipi e Tarobá transcenderam, legaram suas vidas e suas histórias aos homens de toda a Terra. E há coisas que só os deuses podem fazer.

## SOBRE A AUTORA



Meu nome é **Luzia Izete da Silva**. Sou professora de História na rede estadual do Paraná e moro em Prudentópolis (PR). Estive na FLIP em 2024 pela coletânea *Conta aí, Professor*, da editora Viratempo (R) e, entre outros certames, fui premiada no Concurso de Poesia 2024, em Campo Mourão (PR). Escrevo resenhas para o *Nossas Letras*, *Jornal GCN-Sampi*, Franca (SP). Escrevo porque a escrita é o suspiro da alma.

## SOBRE A ILUSTRADORA



Sou a **Jéssica Fiorini Romero**, ilustradora e professora paranaense, mestre em Letras e licenciada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atuo na criação de ilustrações para livros destinados aos públicos infantojuvenil e adulto, e também ministro oficinas de arte para crianças, oportunidades em que busco promover espaços de liberdade criativa, vivência com diferentes materiais e valorização da autonomia no processo artístico.

# A BIBLIOTECA GRALHA AZUL

A **Biblioteca Gralha Azul** é uma ação do Coletivo que recebe o mesmo nome, criado em 2021 por editores e autores com a missão de fomentar a produção literária e dar visibilidade a escritores paranaenses. Ela conta com três pilares estruturantes: o livro, a leitura e a democratização de acesso.

Através de editais abertos periodicamente, escritores de todo Paraná são convidados a submeterem seus textos, que podem tornarem-se livros infantojuvenis inéditos e ilustrados, produzidos sem custo para o autor. Assim, a Biblioteca revela e promove novos escritores.

A plataforma da Biblioteca Gralha Azul é o ponto de encontro de autores, ilustradores, editores e leitores. O acesso às obras no formato e-book é inteiramente gratuito. Elas podem ser baixadas e ouvidas no celular ou computador, atravessando fronteiras e fortalecendo as asas da leitura.

[www.bibliotecagralhaazul.com.br](http://www.bibliotecagralhaazul.com.br)

# A EDITORIA

A **ABC Projetos Culturais** é uma editora paranaense independente, fundada em 2007, no município de Ponta Grossa, pela escritora e jornalista Alessandra Bucholdz. Ao longo de 18 anos, lançou quase uma centena de livros e revelou diversos escritores paranaenses. A preocupação com a acessibilidade norteia as produções da editora que disponibiliza a maioria de suas obras também no formato de audiolivro. As obras mais recentes também têm audiodescrição.

Além da produção editorial, a ABC Projetos busca outras linguagens, formas de interação e interfaces do público com as obras. Desse modo, novas experiências surgem, tornando o acesso à literatura ainda mais completo, mágico e imersivo, promovendo memórias afetivas que unem obras e leitores. A ABC Projetos acredita na leitura como pilar e caminho que inspira e abre janelas para diferentes universos.

Acompanhe os trabalhos da editora pelas redes sociais:

**@abcprojetosculturais**



Rua Sebastião Marcondes Ferreira, 22 – Oficinas  
Ponta Grossa/Paraná – CEP 84.035-610  
e-mail: [adm@abcprojetos.com.br](mailto:adm@abcprojetos.com.br)  
WhatsApp: (42) 99839-4207  
[@abcprojetosculturais](#)

# CATARATAS, HOMENS E DEUSES

Quando os mundos se misturam e o local se torna universal, quando o amor se torna parte da natureza indomável... Esse é o tempo da história que dá um sentido mítico ao surgimento das Cataratas do Iguçu.



produção

realização



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



Projeto aprovado pela Secretaria de Estado da Cultura – Governo do Paraná, com recursos da Lei Paulo Gustavo, Ministério da Cultura – Governo Federal.